

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

DANIELA DA SILVA MELLO

**ARTE, MEMÓRIA E IDENTIDADE: O BORDADO NA
CONTEMPORANEIDADE**

CRICIÚMA

2014

DANIELA DA SILVA MELLO

**ARTE, MEMÓRIA E IDENTIDADE: O BORDADO NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais Bacharelado Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a: Angélica Neumaier

CRICIÚMA

2014

DANIELA DA SILVA MELLO

**ARTE, MEMÓRIA E IDENTIDADE: O BORDADO NA
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 24 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Angélica Neumaier – Esp. Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e Metodológicos – (UNESC)

Prof^a. (MS) Odete Angelina Calderan – Mestre em Artes Visuais – (UFSC)

Prof. (Esp) Alan Cichela – Esp. Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas – (UNESC)

A DEUS que me permitiu chegar até aqui, a meu marido que sempre me deu forças para não desistir e meus filhos que tiveram paciência e muito companheirismo. E aos demais parentes e amigos por acreditarem sem hesitarem na minha capacidade.

MINHAS MEMÓRIAS

“Quantas vezes vesti meus amados filhos, e quanto aqueci com esse casaco de flanela revestida de memórias, das marcas das mãos do fazer da avó as marcas de uso do corpo de minhas crianças, eternas são as lembranças.” Daniela Mello

AGRADECIMENTOS

Sempre em primeiro lugar agradecerei a DEUS onde quer que eu esteja ou em quaisquer circunstâncias, e principalmente por me permitir ser essa pessoa tão rodeada de outras tantas e tão maravilhosas.

Sou muito grata também às artistas, Ieda Topanotti, Daniele Zacarão que colaboraram com essa pesquisa.

Agradeço a minha orientadora Angélica Neumaier que pacientemente foi meu fio condutor, me dando dicas e me estimulando.

E a amável professora Odete Calderan que tão dedicada e constantemente acompanhando de perto nossos passos e puxando nossas orelhas e com toda razão sempre.

Ao querido professor Paulo Barrios pelos seus incentivos e tão prestativo e me apoiar nessa idéia do trabalho.

Ao coordenador do nosso curso Marcelo Feldhaus por estar constantemente nos advertindo sobre alguns compromissos que às vezes nos falha a memória e é necessário.

E como não posso deixar de citar a minha amiga e querida Izaltina que tem um lugar especial no meu coração.

Ao meu marido e eterno amor Jarbas da Silva que esteve sempre do meu lado me ajudando com o bebe, pelos seus incentivos para que eu não desistisse e me dando força para continuar, me apoiando deixando bilhetes na geladeira, para que ao me levantava de manhã eu ler e saber que ele estava torcendo por mim, percebendo que se tornara pesado demais essa carga para mim cuidando do bebe, dos afazeres, de casa e do TCC, esteve assim do meu lado nas horas mais difíceis.

Mas eu agradeço por essa passagem em minha vida, que apesar de difícil torna-se necessário para o meu crescimento, pessoal, profissional.

RESUMO:

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado "Arte, Memória e Identidade: o bordado na contemporaneidade" está inserido na linha de pesquisa Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, de natureza básica, exploratória, bibliográfica e qualitativa. A pesquisa traz o conceito de arte e de arte contemporânea, leituras sobre memória e identidade e a busca da possibilidade do uso do bordado na construção de objetos de arte. A pesquisa discorre sobre a produção de um objeto de arte que tem como principal foco um objeto de memória - um casaco de criança, dialogando com autores e artistas que trazem a memória, a identidade e o bordado como estopim na produção de arte contemporânea. Através de um levantamento bibliográfico de autores Stallybrass 2000, Hall 2005, Cocchiarale 2007, Salles 2009, Dialogando com alguns artistas como Leonilson 1995, Pamela Reis 2013, Ieda Topanotti 2013, Daniele Zacarão 2012-2014. Conclui-se que através do uso de objetos do cotidiano, da memória, da identidade do indivíduo pode-se criar objetos de arte contemporânea.

Palavras-Chaves: Objeto de Memória; Identidade; Arte Contemporânea

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Leonilson,.....	33
Figura 2 - Instalação na Capela do Morumbi, São Paulo, Leonilson, 1993.....	34
Figura 3 - De bom coração/Da falsa moral. São Paulo, Leonilson, 1993.....	34
Figura 4 - Voile Mon Couer, Leonilson,1989.....	35
Figura 5 - Voile Mon Couer, Leonilson,1989.....	35
Figura 6 - Cheia, vazia,Leonilson,1993.....	36
Figura 7 - El Puerto, Leonilson,1992.....	36
Figura 8 - O Gigante com flores, Leonilson, 1992.....	36
Figura 9 - O Templo, bordado, Leonilson, 1993,.....	36
Figura 10 - Ieda Topanotti, 2012.....	37
Figura 11 - Bordado em tecido, Ieda, 2013.....	38
Figura 12 - Bordado em tecido, Ieda, 2013.....	38
Figura 13 - Bordado em tecido, Ieda, 2013.....	38
Figura 14 - Bordado em tecido, Ieda, 2013.....	38
Figura 15 - Pamela Reis, 2012.....	39
Figura 16 - Trabalho da exposição, Pamela, 2013.....	40
Figura 17 - Trabalho da exposição, Pamela, 2013.....	40
Figura 18 - Livro-objeto, Daniele,2012.....	41
Figura 19 - Livro-objeto, Daniele,2012.....	41
Figura 20 - Livro-objeto, Daniele,2012.....	41
Figura 21 - Livro-objeto, Daniele,2012.....	41
Figura 22 - O desenho de um elefante, Daniele,2013.....	42
Figura 23 - Mochila de memórias, Daniele,2013.....	43
Figura 24 - Mochila de memórias, Daniele,2013.....	43
Figura 25 - Mochila de memórias, Daniele,2013.....	43
Figura 26 - Recipiente de memórias, Daniele,2013.....	44
Figura 27 - Recipiente de memórias, Daniele,2013.....	44
Figura 28 - Plotagem, Cortina da vó Edith, Daniele, 2012.....	45
Figura 29 - Plotagem, Cortina da vó Edith, Daniele, 2012.....	45
Figura 30 - Casquinha em flanela, ,1966.....	50
Figura 31 - Último filho que usou (Tayller, com um mês) 2013.....	50
Figura 32 - Esboço 1 - 2014.....	52
Figura 33 - Esboço 2 - 2014.....	52
Figura 34 - Bordado primeiro filho, 2014.....	53
Figura 35 - Bordado primeiro filho, 2014.....	53
Figura 36 - Almofada primeiro filho, 2014.....	53
Figura 37 - Almofada primeiro filho, 2014.....	53
Figura 38 - Bordado segundo filho, 2014.....	54
Figura 39 - Bordado segundo filho, 2014.....	54
Figura 40 - Almofada segundo filho, 2014.....	54
Figura 41 - Almofada segundo filho, 2014.....	54
Figura 42 - Bordado terceiro filho, 2014.....	55
Figura 43 - Bordado terceiro filho, 2014.....	55
Figura 44 - Almofada terceiro filho, 2014.....	55
Figura 45 - Almofada terceiro filho, 2014.....	55
Figura 46 - Bordado quarto filho, 2014.....	56

Figura 47 - Almofada do quarto filho, 2014	56
Figura 48 - Almofada do quarto filho, 2014	56
Figura 49 - Bordado do quinto filho, 2014	57
Figura 50 - Almofada do quinto filho, 2014.....	57
Figura 51 - Almofada do quinto filho, 2014.....	57
Figura 52 - Bordado do sexto filho, 2014	58
Figura 53 - Almofada do sexto filho, 2014.....	58
Figura 54 - Almofada do sexto filho, 2014.....	58
Figura 55 -“ Bordado de Memórias Obra”, 2014.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.....	12
APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte.....	34
FUCRI - Fundação Universitária de Criciúma.....	36
UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense.....	36
CESAP – Centro de Educação Avançada em Pós Graduação.....	37
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo.....	38
CBF - Confederação Brasileira de Futebol.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 COSTURANDO UM CAMINHO DE PESQUISA:	12
2. ARTE.....	13
2.1. ARTE CONTEMPORÂNEA.....	20
3 MEMÓRIA: UM OLHAR PARA A ARTE	25
4 IDENTIDADE HÍBRIDA.....	29
5 ARTISTAS QUE INFLUENCIARAM MINHA PRODUÇÃO ARTÍSTICA.	33
6 PROCESSO POÉTICO PESSOAL.....	46
6.1 OBJETO DE ARTE:.....	50
6.2 BORDADO DE MEMÓRIAS.....	60
7 METODOLOGIA	62
8 CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

1.1 COSTURANDO UM CAMINHO DE PESQUISA:

Ao iniciar o projeto para este trabalho de conclusão de curso surgiu a vontade de utilizar o bordado em uma produção artística, como tenho a costura como profissão e a arte como uma paixão, resolvi uni-lás em um objeto de arte. A partir da conversa com vários colegas e professores do curso de Artes Visuais – Bacharelado iniciei minha investigação através de bibliografias, de produções de vários artistas contemporâneos.

Na procura por artistas contemporâneos que se utilizam da costura e do bordado descobri um caminho pessoal fui tecendo um trajeto, observando que a arte nos permite unir várias linguagens.

O trabalho de conclusão de curso (TCC) foi para mim um descobrir de novos caminhos, em cada disciplina que me envolveu durante estes quatro anos, pesquisa voltada a costura e o bordado foi crescendo.

Sendo assim trago como problema de pesquisa: é possível utilizar a costura e o bordado em produções de arte contemporânea? É possível discutir os objetos de memória na contemporaneidade?

Tenho na minha família uma ligação muito forte com meus filhos, e resolvi homenagear esta união trazendo como objeto de memória para uma investigação artística – *um casaco de flanela* – que pertenceu ao meu marido, este objeto com quase cinqüenta anos, permeou o crescimento das crianças sendo que cada filho utilizou este casaco em sua infância.

Pretendo assim inserir esta pesquisa no contexto da arte contemporânea. Trazendo a memória e sua inserção na arte, como identidade híbrida, dialogando com artistas contemporâneos e suas produções artísticas.

Diante do problema de pesquisa busco referencias para tratar arte de um modo geral: COLI (2006), BOSI (1986), AZEVEDO (2007), arte contemporânea CAUQUELIN (2005), COCCHIARALE (2007), memória trago os autores CANTON (2009), BOSI (1994), STALLYBRASS (2000) identidade autores como COCCHIARALE (2007) HALL (2005), dialogo com artistas contemporâneos trago LAGNADO (1995), juntamente a outros importantes aqui não citados

A partir destas reflexões busco respostas para meu problema de pesquisa juntamente ao desenvolvimento da minha produção artística.

2. ARTE

Para Coli é difícil definir um conceito de arte, essas definições são divergentes e contraditórias. Assim segundo ele qualquer pessoa que tenha o mínimo de contato com a cultura pode nos citar algumas obras de arte ou algum artista.

É possível dizer, então que artes são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo; isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto podemos ficar tranquilos: se não conseguirmos saber o que a arte é pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. (COLI, 2006, p. 8).

Coli ainda afirma que em nossa cultura há instrumentos que determinarão o que é ou não é arte [...] e um deles específico e essencial é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, historiador e a autoridade, mas devemos saber que o estatuto não parte apenas de uma definição, abstrata, lógica ou teórica, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura. (Coli, 2006, p. 10 -11).

A arte chega até nós através da cultura por meio de museus, galerias, teatro, cinema e de nosso entendimento. Esses instrumentos específicos intervêm nos objetos artísticos, ditando qual obra tem mais valor que outra. Eles selecionam o objeto artístico, apresentam-no ou tentam compreendê-lo por meio deles a arte existe. São como também a arte, específicas e indissociáveis à nossa cultura. (Coli, 2006, p. 65).

É em nossa cultura, a ideia de arte e não de todas as culturas, denominamos como arte instrumentos de uso específicos de outras civilizações, e ditamos como arte, objetos de adoração, de uso específico de outros povos. Desse modo, o “em si” da obra de arte, ao qual nos referimos, não é uma imanência, é uma projeção. Somos nós que enunciamos o “em si” da arte, aquilo que nos objetos é, para nós, arte. (Coli, 2006, p. 67). Somos nós que atribuímos os objetos como artísticos, porque buscamos-los e nomeamos como obra de arte.

A ideia de transcendência cultural e histórica da arte é nossa; sem nós ela não existe. Criamos a perenidade, a eternidade, o “em si” da arte, que são apenas instrumentos com os quais dispomos para nós mesmos uma

configuração de objetos. O absoluto da arte é relativo à nossa cultura. (Coli, 2006, p. 68).

É difícil demarcar com convicção os objetos artísticos, pois esse modelo de arte vem de séculos atrás, transcendendo a essência artística do objeto.

É do fim do século XVIII para cá que a nossa concepção de arte alarga-se, conquistando, cada vez mais, terrenos novos; descobre-se a arte oriental, a egípcia, a popular, a “ingênua”, a africana, a oceânica, a arte industrial, os graffiti etc. dispor os objetos artísticos “para nós” significa fazê-los vir de outros tempos. (COLI, 2006, p. 69).

Para Coli daí a partida de Duchamp para a provocação; porque sendo aceito como arte pelas autoridades, competências e historiadores [...], aliás, esta função artística da antiarte não escapa ao pensamento de Duchamp ele próprio diz: “são os olhares que fazem um quadro”. Qualquer objeto aceito como arte, torna-se artístico. (Coli, 2006, p. 70).

A atitude de Duchamp nos leva a engendrar muitos objetos no meio artístico nos distanciando ainda mais da origem verdadeira da arte. Para Bosi, 1986, a arte é uma atividade, uma maneira que o ser humano encontrou para mostrar sua capacidade de expressar suas habilidades, um modo de relacionar-se com o mundo e consigo mesmo.

A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística. (BOSI, 1986, p.13).

Para Bosi todo produto feito à mão desde que fosse estruturante podia receber o nome de arte, desde atividades do gênero poético até os ofícios do artesanato, sem fugir as formas clássicas e tradicionais, o homem pode se apropriar dos elementos da natureza para produzir suas obras; como cerâmicas, mármore, bronze, pigmentos de tintas etc.

O conceito de arte como produção de um ser novo, que se acrescenta aos fenômenos da natureza, conheceu alguns momentos fortes na cultura ocidental. E tomou feições radicais na poética do barroco, quando se deu ênfase a artificialidade da arte, ou seja, a distinção nítida entre o que é dado por Deus aos homens e o que estes forjam com seu talento. (BOSI, 1986, p. 14).

Já no impressionismo a ideia de arte obedecia à outra estrutura, a uma convicção do ser construído, e não de ser dado, naturalmente. Para Bosi a estética e o gosto podem caminhar juntas, estética com as combinações de imagens e representações, e o gosto mexendo profundamente com o desejo, com a existência.

A palavra latina *ars*, matriz do português *arte*, está na raiz do verbo *articular*, que denota a ação de fazer *junturas*¹ entre as partes de um todo. Por que eram operações estruturantes, podiam receber o mesmo nome de arte não só as atividades que visavam comover a alma [...] quanto o ofício do artesanato [...] que aliavam o útil ao belo. (BOSI, 1986, p.13 -14).

No impressionismo havia certa discriminação com o trabalho manual e o intelectual. Para Bosi [...] no pintor trabalham em conjunto a mão, o olho e o cérebro [...] logo esse pintor deve receber o mesmo reconhecimento de um artista. O artista deve aproveitar com lealdade, a seu melhor momento, o melhor de si, quando suas ideias estiverem fluindo.

A intencionalidade do artista vai plasmando, graças ao domínio das técnicas aprendidas, o seu próprio modo de formar que a certa altura pode alcançar o nível de estilo pessoal. As variantes de um verso, as sucessivas redações de um conto ou os múltiplos esboços de uma figura ilustram eficazmente esse processo ao mesmo tempo expressivo e artesanal (BOSI, 1986, p. 24 - 25).

À medida que o artista vai se aperfeiçoando no assunto ou na obra, no fazer ele vai ficando mais empolgado, vai interagindo com mais intensidade. Assim vai surgindo seu estilo próprio, dependendo da única e exclusivamente de suas escolhas. A arte está para o real, assim como o real está para a ideia que na metafísica de Platão é a instância absoluta. *Arte: Sombra de um reflexo.* (Bosi, 1986, p. 29).

Pode-se assim dizer que a arte abraça todos os caminhos, seria um emaranhado como um rio e seus afluentes estão todos ligados a uma só nascente, a arte foi se desenvolvendo por vários caminhos diferentes desde o fazer próprio até a imitação e ficção.

¹ Junturas: Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 536. Linha de união ou junção entre duas peças.

Mesmo a imitação à ficção, a mimese² não é igual em todas as épocas, são discursos diferentes em épocas diferentes, todas as representações foram feitas de formas diferentes, de maneiras e estilos únicos com a arte clássica, a arte moderna os estilos mudaram muito sutilmente com uma breve imitação.

A estilização criadora dos artistas deixa evidente, a intimidade que existe entre o sujeito e o produto, melhor dizendo a obra.

Quanto ao realismo do século XX, com uma ciência mais complexa e mais perplexa que a positiva, não se contenta em reproduzir os temas e as técnicas do verismo³ do século XIX. Propõe-se uma tarefa ousada: construir obras que possam atravessar os reflexos da vida presente para se construírem em projeto de uma realidade futura. Uma arte verdadeira e revolucionária a um só tempo. Uma arte que produza a imagem densa e dramática de uma humanidade em mudança carente, dominada, mas rebelde. Uma arte na qual a consciência mais lúcida do universo penetre a representação mais viva de cada particular.

No século XX as propostas de arte já estavam tomando novos rumos, mais ousados como a representação da vida cotidiana para se organizar melhor a vida futura. Desejavam unir o ideológico ao prático, tentar por na obra o que realmente idealizavam com clareza desejavam algo mais explícito.

Na atividade artística se faz necessário impor uma motivação, expressar a ideia pelo qual foi produzida, sua verdadeira intenção.

Segundo Azevedo (2007), o ser humano sente a necessidade de se expressar, através de imagens, de desenhos e de criar através de experiências, passando por modificações, já que o mundo artístico é tão real, intenso e aberto a observação, compreensão e a apreciação com sua curiosidade o ser humano aprendeu a conviver em sociedade compreendendo a diferença entre as pessoas e mudando suas atitudes e gostos.

A arte é uma das primeiras manifestações da humanidade como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas (pinturas nas cavernas, templos religiosos, roupas e filmes etc.), que representam sua vivência no mundo comunicando e expressando suas ideias, sentimentos e sensações para outros. (AZEVEDO, 2007, p. 6).

² Mimese: Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 596. Imitação de alguém ou de algo.

³ Verismo: Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 901. Verdadeira idêntica reprodução igual.

Desse modo o homem cria objetos artísticos como uma representação das coisas do mundo da forma que ele vê ou pode representar de uma maneira simbólica. O artista cria a obra a partir de experiências, e conhecimentos vividos por ele mesmo, fazendo experimentos com materiais diversos em formas e misturas diferentes e técnicas variáveis.

Dentre os possíveis e variados conceitos que a arte pode ter podemos sintetizá-los do seguinte modo – a arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções na forma de um objeto artístico e que possui em si o seu próprio valor (AZEVEDO, 2007, p. 7).

Há uma necessidade muito grande de se aprender a falar de arte, apreciar a arte, de maneira a opinar e criticar de uma forma inteligente e abrangente que envolva todo o processo de colher materiais, analisá-lo, e observá-lo e concluí-lo.

Para se obter uma noção de todo o processo artístico que uma obra sofre em geral as pessoas não valoriza e não se interessam por outros meios de vivência; como valores morais, religiosos, artísticos e outros, focando-se em sua própria cultura.

Mas uma cultura não fica isolada e sofre influências de outras, portanto, nenhuma cultura é estática e sim dinâmica e mutável. A arte ao longo dos tempos tem se manifestado todo de modos e finalidade diversos. Na antiguidade, em diferentes lugares a arte era vislumbrada em manifestações e formas variáveis na Grécia, no Egito, na Índia, na Mesopotâmia [...] (AZEVEDO, 2007, p. 8).

Como vimos à arte vem crescendo e se desenvolvendo com o decorrer da evolução humana. Dentro das sociedades há os grupos e neles existem os líderes que dividem suas tarefas e funções, os índios e os negros mantinham a arte presente no dia-a-dia do povo através de utensílios, de pinturas, vestuários etc., a arte possui uma finalidade específica para a sociedade, e essa finalidade é para registrar a passagem do ser humano, o que ele viu e presenciou por onde passou o que aprendeu.

Segundo esse ponto de vista a arte pode estar a serviço para finalidades, pedagógicas, religiosas, políticas ou sociais. Não interessa aqui se a obra

tem ou não qualidade estética, mas se a obra cumpre seu papel moral de atingir a finalidade a que ela se prestou. (AZEVEDO, 2007, p.9).

A obra exerce papel importante de assegurar que todos que a contemplem saibam perceber sua origem, sua existência, quem a fez, como e por quê? Que material foi usado? Que técnica foi praticada? Quanto tempo levou? Enfim todo o levantamento é feito de uma maneira, a saber, como viviam os seus artistas, para assim passar adiante e resgatar suas raízes, o ser humano é capaz de criar imagens como representação.

O ser humano ao longo de seu desenvolvimento tem procurado encontrar formas de registrar essa imaginação ou realidade captada, através de pinturas, desenhos, esculturas, gravuras ou filmes, ou seja, através de representações imagéticas. (AZEVEDO, 2007, p.12).

Para Azevedo toda criação tem um significado só depende do meio em que foi produzido e da época em que foi criado [...] Os significados e integrações na criação variam de acordo com o período, lugar e pessoas, ou seja, de acordo com o contexto histórico [...] Essas imagens podiam ter finalidades místicas e de sobrevivência.

Na idade média, as imagens das obras de arte possuíam um cunho educativo a serviço da religião. Já no Renascimento as imagens artísticas procuravam elevar a condição do ser humano a um nível maior. No Romantismo e Modernismo, as obras de arte possuíam fins diversos, como protestos e denúncias dos problemas políticos e sociais. (AZEVEDO, 2007, p.12).

As várias formas de expressar-se do ser humano estão ligadas diretamente com a arte, e seus reais motivos de contestação, elevação, protestos e outros. No século XIX, a arte segue outro padrão; o da estética, quando fala ao sentimento, sendo mais verdadeira, encantadora, ai então entra a questão do gosto.

O gosto é a capacidade de julgarmos a beleza de uma obra entendendo-a e apreciando-a. O gosto pode ser subjetivo, mas ele parte da observação e experiência objetiva com a obra de arte. O que não devemos é criar pré-conceitos sobre determinadas obras antes de vivenciá-las esteticamente, ou seja, com sentimento. (AZEVEDO, 2007, p.17).

Podemos dizer então que a arte corre o mundo com suas finalidades e cada qual buscando atingir seus objetivos, muitos buscando conquistar e mostrar

seu poder, outros buscam converter para fé alguns buscando mexer com a alma os sentimentos, assim a arte torna-se conhecida e ao alcance de quase todos com suas formas de representações diretamente.

2.1. ARTE CONTEMPORÂNEA

Uma grande maioria dos teóricos de arte moderna visam somente ao conteúdo das obras, os movimentos a que elas pertencem e as suas características, assim o termo “modernismo” é para o crítico Clement Greenberg⁴ o contrário do termo “moderno” é diferente do termo “modernidade”. Para Greenberg o modernismo extrai os vestígios da arte moderna, diferença entre esses termos tão parecidos passa despercebido pelo público leigo.

A modernidade, termo abstrato, designa o conjunto dos traços da sociedade e da cultura que podem ser detectados em um momento determinado, em uma determinada sociedade. A esse título o termo “modernidade” pode ser aplicado da mesma forma a época que é contemporânea, agora em 1991 (nossa modernidade é 1991), como poderia ser aplicada a qualquer outra época do momento a que a adesão à cultura dessa época fosse reivindicada. (CAUQUELIN, 2005, p. 25).

Desse modo a uma modernidade em cada época, só se deve ressaltar uma observação, o termo empregado é de ordem sócio- histórica e a pouco tempo que foi requerida, reclamada.

Essa reclamação pertence a artistas e intelectuais e formadores de opinião, por outro lado o modelo do século XVI clássico, ainda é válido, sendo assim o novo modelo só é aceito a partir do século XIX e tende a normalizar. Segundo Cauquelin, p. 26 foi somente após *Les Curiosités* e *Le Peintre de La vie moderne*, de Charles Baudelaire⁵ (1859), que se convencionou a ligar “modernidade” a “moda”, atribuindo á moda um valor específico de temporalidade efêmera e circunstancial. A uma modernidade temporária, unindo-se assim ao conceito de arte moderna pela estética e pela prática. Nós nos servimos então do termo moderno para qualificar certa forma de arte que conquista seu lugar (ao mesmo tempo em que adota o

⁴ Clement Greenberg: Grande e conceituado crítico de arte. *Teoria e Critica Da Arte*, pg. 147-153.

⁵ Charles Baudelaire: Charles Baudelaire poeta francês do século XIX. Atuou também como teórico e crítico de arte. É considerado um dos principais nomes do simbolismo literário. www.pensador.uol.com.br/autor/charles.baudelaire/

nome) por volta de 1860 e se prolonga até a intervenção do que chamaremos de arte contemporânea. Cauquelin, 2005, p. 27.

Acentua-se assim a preferência por algo novo, deixando para trás o passado, surgindo então uma sociedade consumista, tendo o cuidado de não evidenciar o aspecto econômico e a realidade social, mas certificar-se de as obras circulem em lugares de atores diferentes e tenham um público diversificado para recepcioná-las. O consumismo cresce, é preciso que os produtos, mercadorias escoem, circulem, nessas idas e vindas à modernidade torna-se transitória.

Uma espécie de grande máquina industrial, incitante, tentacular, entra em ação. Isso se chama “mercado”. Mas bem depressa a simples lei da oferta e da procura segundo as necessidades não vale mais, é preciso excitar a demanda, exercitar o acontecimento, provocá-lo, espicaçá-lo, fabricá-lo, pois a modernidade se alimenta. (CAUQUELIN, 2005, p. 30).

As mudanças acontecem de forma explosiva, o crescimento da industrialização o poder aquisitivo da média e pequena burguesia, movimentos sociais, crises econômicas, as reivindicações dos salários justos, direito de expressão, enquanto uma classe média mostra seus gostos, comportamentos e suas opiniões.

O progresso desabrocha, as coisas caminham para um único rumo, o da tripartite⁶ produção, distribuição, consumismo, e abrange aos bens materiais e simbólicos, mas há necessidade de manter-se, certo equilíbrio, para isso deve haver uma circulação das mercadorias. O salão nessa face já não era mais capaz de gerir com competência a posse da arte e dos artistas e não era mais potente para realizar o exercício de julgar quem eram e quem não eram artistas, seria necessário encontrar uma instituição (mesmo não oficial) para essa tarefa.

Essa tarefa vai ser levada a cabo por um personagem até então ‘influente’, cujo papel era acompanhar com seus comentários, apresentar, apoiar ou vituperar determinado artista ou determinada exposição, e que vai agora ser o elo indispensável à circulação das obras ‘o crítico’. (CAUQUELIN, 2005, p. 37).

O crítico exerce respeitável papel, já que por sua fama, muitas vezes de escritor ou de jornalista, traz consigo um grande público. O crítico torna-se formador

⁶ Tripartite: partir-se em três partes. Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 878

de opinião e colabora para a imagem da arte, do artista, da obra [...] o papel do crítico é doravante, o de colocar um artista, seja integrando-o a um grupo de oposição, seja isolando-o como figura singular e, por tanto, original [...] Cauquelin, (p. 38). Nesse sentido o comentário do crítico daria um impulso nas vendas das obras, tornando o artista conhecido e fazendo-se conhecido também, surgem então muitas revistas, periódicos, o crítico é elevado a um grau considerável onde ele exerce uma função bem admirável, onde em determinado momento torna-se o único apto para enaltecer ou reprovar alguma obra ou artista.

A existência de artistas independentes obriga o crítico a escolher seu campo e afirmar sua posição. Seus julgamentos de valor não mais dirão respeito apenas a escolher pelo pintor deste ou daquele 'tema' e ao tratamento mais ou menos bem-sucedido que ele deu à obra, mas estarão relacionados à sua escolha ideológica. (CAUQUELIN, 2005, p.40).

Diante de algumas mudanças o crítico obriga-se a inovar seu conceito tornando-se singular. Daí então o crítico empenha-se a descrever e entender melhor as novas formas de se fazer arte. Formas essas que abalarão o campo das atividades artísticas, desprendendo-se da estética tradicional e em direções a uma linha oposta ao clássico e tradicional.

Os embreantes abalarão os campos das atividades artísticas, introduzindo um novo jogo, desprezando os valores tradicionais da estética, lançaram palavras de ordem, apontarão direções, até mesmo divertidas. Mas seria ingênuo e irrealista acreditar que a arte contemporânea, obra e artista seguem-se ao pé da letra essas determinações. (CAUQUELIN, 2005, p. 127).

Atualmente podemos dizer que a arte tornou-se uma diversidade de objetos transformados e transportados de seu lugar de origem e contemplado como objeto artístico, sem se agredirem e desempenhando seus papéis ao mesmo tempo.

Segundo Cocchiarale, (2007), à arte contemporânea causa estranheza, e certo receio, pois muitos afirmam não entendê-la, outros não abrem mão do gosto pela arte clássica, tradicional e moderna. Ainda com o passar dos anos e com a 'evolução' a arte continua sem ser entendida, o que leva muitos, a apenas querer uma breve explicação da obra. A explicação assassina a fruição estética, já que ao reduzir a obra a uma explicação mata sua riqueza polissêmica e ambígua,

direcionando-a num sentido unívoco (p. 14). As pessoas acham necessário dar uma explicação clara para a obra, sendo que tudo precisa ser entendido, sem ter a essência de apenas senti-la sem se dar ao prazer da contemplação.

O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas. (COCCHIARALE, 2007, p. 14).

A arte contemporânea ao contrário de outras tendências avançou para longe da arte moderna e abraçou novos campos e estilos com temas diferentes da arte moderna. Pois há uma transformação considerável e essa mudança pode ser observada por todos, a arte tomou uma direção um rumo novo.

A arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas, o principal de tudo isso são novos tipos de relação que ela nos faz estabelecer. O novo sujeito não será epistemológico como foi o intentado por Kant, mas estético, um híbrido de contradições, porque o homem contemporâneo precisa de um modelo positivo da vivência da contradição. (COCCHIARALE, 2007, p. 67).

A arte contemporânea nos proporciona a possibilidade de apreciá-la em diversos locais e com funções desempenhadas de formas diversas, como em instalações, performances e outras, porque essa é uma característica da arte contemporânea, ela nos fornece essa liberdade de vincular outros tipos de representação, expressão, outras maneiras de se fazer arte. Talvez a arte contemporânea seja mais constelar, menos estrutural. Portanto, a produção de sentido se dá através de processos de interpretação, e uma mesma realidade pode suportar várias interpretações, sem que isso gere contradição. (COCCHIARALE, 2007, p. 68 - 69).

A arte contemporânea nos conduz a elucidar a produção artística, e essa mesma produção pode até obter vários sentidos onde cada um sente e pensa de forma singular, elucidando seus próprios devaneios.

O mundo contemporâneo não mais valoriza a pureza, inclusive estilística, buscada obsessivamente pelos artistas modernos em nome da interface, da multidisciplinaridade e logo a contaminação, a hibridização⁷ e o ecletismo⁸. O mundo

⁷ Hibridização: ciências naturais, originário do cruzamento de espécies diferentes. Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 480

contemporâneo é absolutamente impuro e isto é para ele um valor. Porque se impureza é conviver com a diversidade seja ela étnica, política, sexual etc. ela tornou-se um positivo da contemporaneidade. (COCCHIARALE, 2007, p. 72).

Com a arte contemporânea nasceram novas formas de se expressar: formas essas que se caracterizam como representação do sentimento, da vida, da emoção, enfim há uma variedade de objetos que fazem parte da nossa cultura e que são trazidos para o mundo artístico. A contemporaneidade transbordou o campo dos princípios plásticos formais corrompendo com as regiões da ação humana e cultural afastando mais o mundo da arte dita clássica. Por conta desse afastamento, e de maneira imprópria no dia-a-dia das artes, em que os artistas se desligam da competência de criar.

⁸ Ecletismo: formado por elementos diferentes. Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 343

3 MEMÓRIA: UM OLHAR PARA A ARTE

Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 587, a definição de memória é: faculdade de conservar ou recuperar ideias e imagens, lembranças, reminiscências.

Para Canton, 2009, a memória é a condição básica de nossa humanidade. E é exatamente pela recordação que o ser humano baseia-se na sua construção pessoal. No meio artístico, o clamor das lembranças pessoais envolve a construção de sua história e conseqüentemente da memória.

O tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso. Retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afastando inexoravelmente nossas noções de história, de memória, de pertencimento. (CANTON, 2009, p. 20).

Entendemos que o tempo atual parece cada vez mais passageiro, pois ele nos impede de nos deleitarmos com nossas experiências vividas em nosso cotidiano. O que nos assombra é esse tempo imperceptível e instantâneo nos impedindo de memorizar ações e fatos diários. Agindo como uma forma de resistência à fugacidade que teima em nos situar num espaço de fosforescência, de uma semi-amnésia gerada pelo excesso de estímulos e de informações diárias. (CANTON, 2009, p. 21).

A memória é o único meio de privacidade que o ser humano tem e pode confiar, um espaço único que só pertence ao sujeito, onde ele pode guardar organizar suas ideias e seus preciosos momentos afetivos. Memória é o território de recriação e de reordenamento da existência, um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de que abre um diário. (CANTON, 2009, p. 22).

E é dessa forma que surgem os trabalhos da arte contemporânea, resgatando objetos de nossa cultura, mas que se perderam no passado, trazendo-os ao mundo artístico, colocando-os em um lugar apropriado, em que possa ser contemplado por aqueles que em alguma fase da vida já tiveram contato com

aqueles objetos de memória, remetendo-os a uma recordação que estava escondida guardada em algum lugar lá na memória do passado de cada espectador.

O interesse dos artistas contemporâneos em trabalhar a memória consiste em um ato de resistência a um estado de quase amnésia de corrente da rapidez da vida cotidiana atual. A arte contemporânea, ao evocar a memória em suas possibilidades multifaceadas, propõe um “tempo fora do tempo”, (CANTON, 2009, p. 57).

O grande desafio dos artistas contemporâneos e também conquistar a atenção do espectador, e uma forma bem planejada será através da memória levando o espectador a refletir sobre a infância, seus pertences, suas brincadeiras, suas roupas, aquela memória de infância que todos têm. A arte contemporânea tem essa possibilidade, de nos aproximar da vida seja do passado seja do presente.

A arte ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídos aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar⁹ o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, migrando para novas possibilidades. A arte pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção. (CANTON, 2009, p. 12 -13).

A arte nos estimula a investigar em todos os sentidos e avançar por todos os caminhos, até chegar a um determinado fim, que seria a “atenção”, que passa despercebida pela falta de tempo. Tempo de parar e completar a beleza das coisas, tempo de relembrar, de uma infância, lenta e tranquila e de descobertas, de sonhos que ficam guardados na memória.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com as escolas, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p. 54).

No nosso meio social, do convívio familiar e de grupos de amigos nossa memória pode ser revivida eternamente, como boa ou ruim. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (Bosi, 1994, p. 55).

A lembrança é o nosso vínculo atual com o passado e nos leva a trazer da memória o que seria o nosso baú de recordações obsoletas, onde depositamos

⁹ Esmiuçar: Examinar, analisar ou explicar com minúcia; destrinchar: esmiuçar um problema. Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 387

todos os nossos sentimentos, situações, registros que nos marcarão de alguma forma. A memória é a nossa melancolia, e nos possibilita buscar e reconstituir um passado, que por algum motivo ficou esquecido.

A lembrança e a sobrevivência do passado, o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios. (BOSI, 1994, p. 53).

No entanto segundo Bosi as imagens não são puramente do sujeito, elas são representações vívidas que envolvem grupos de convívio, refletindo tudo que é vivenciado pelo ser humano. E é na representação: de onde, de quando, e porque, essas ações nos levam a reproduzir mais lembranças do passado buscando os segredos da memória.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” e das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e permanente, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46 - 47).

[...] A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamentos que já deram certo [...] (Bosi, 1994, p. 47). A memória é um recurso do cérebro para guardar nossas vivências e experiências, e assim comprovar nossa passagem por algum lugar, ou até mesmo na vida, a memória é um ato real que necessita influenciar-se de uma experiência já vivida que permaneceu na consciência.

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita mergulham suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevive das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1994, 73).

Torna-se necessário para o ser humano compartilhar seu passado; acontecimento, perdas, sua passagem cultural como prática da vida cotidiana, que são trazidas por anos.

E a essência da cultura que atinge a criança atrás da felicidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há corrente do passado do que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas (BOSI, 1994, p. 75).

Como parte da história cultural, os indivíduos crescerão com experiências profundas e amadurecerão seus dias, como seres que possuem um passado cheio de riqueza, e servirão de testemunhas de uma existência passada de uma geração anterior. Geração que tratou de deixar registrada para sempre em sua memória os conhecimentos, os experimentos, as profissões até mesmo seus conselhos, seu caráter, sua vivência, as imagens que através delas e que se tornaram vira à tona as lembranças das atitudes sociais.

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós iremos se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. (BOSI, 1994, p. 75).

Essa geração que guarda na memória os seus antecedentes compartilhará (através de histórias contadas e objetos consentidos como legado) com a sociedade, a cultura que lhes foi deixada e abastada de muitas experiências, por meio de obras e representações, tentará manter vivos seus costumes e tradições, que só resistirá ao tempo por meio da memória.

A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar. De onde resulta uma concepção extremamente flexível da memória: "A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivência." (BOSI, 1994, p. 68).

É através de histórias que são passadas adiante, e de tradições cultivadas em família ou em grupos da sociedade que a memória mantém viva alguns resquícios culturais e costumes tradicionais, que continuam atravessando décadas, e aparecem sempre espontaneamente através da percepção clara e imediata, que se mostra da mesma forma, ou a compreensão e habilidade de guardar a memória.

4 IDENTIDADE HÍBRIDA

Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg.480, Identidade significa: Qualidade daquilo ou daquele que é idêntico.

Segundo dicionário Melhoramentos, híbrida significa: Que resulta do cruzamento de espécies diferentes. Derivado de fontes não semelhantes. Que está composta de elementos diferentes.

A identidade do sujeito é percebida nos seus primeiros traços, quando ele ainda não tem contato com outros indivíduos seus traços são únicos, porém mesmo quando ele se deixa corromper ainda assim mantém sua unicidade.

[...] é um ser único exclusivo com sua personalidade em formação, mas com características próprias. “No mundo contemporâneo, as noções de sujeito, de indivíduos, de identidade, de unidade estão visivelmente em crise e é possível mapear vários pontos em épocas diversas o prenúncio dessa crise que não começa agora, já que estava em gestação no séc. XIV e hoje torna-se em alguns casos parte do senso comum.” (COCCHIARALE, 2007 p. 18).

Nossa identidade já é nossa desde que nascemos, porém ao longo de nossa formação, adotamos maneiras e costumes de nossa cultura que nossa sociedade nos impõe, muitos viviam em função meramente da sociedade, e com receio de repressão, de discriminação. Mas o mundo contemporâneo nos permite aparecer com mais ousadia, expressando nossa identidade através da arte com representações, performances, instalações entre outras.

As identidades do mundo contemporâneo não podem mais ser pensadas como uma plantação (onde cada uma tem sua raiz), por que ela esta em rede. E não estou falando só de internet. Uma rede em que a identidade migra de um canto para o outro. Mas de todas as relações que antes supunham identidades estáveis em todos os níveis. Hoje temos N identidades, e não mais uma só. (COCCHIARALE, 2007, p. 18).

Temos muitas formas de colocar em evidência nossa identidade, e vimos através da arte contemporânea à possibilidade de trazer ao público a nossa identidade híbrida e provocante. Formas essas que se consolidam: com instalação, performances, videoarte enfim, cada indivíduo com seus objetos e materiais do cotidiano, dando formas e significados ao tipo de produto que está ao seu alcance,

expressando ali naquele produto sua verdadeira vocação, pois o sujeito põe ali naquele objeto sua capacidade individual de se fazer a obra, traços, estilos enfim toda dedicação possível, pois é através da arte que o artista pode expor sua verdadeira identidade. A agonia de uma civilização gera necessariamente uma crise de identidades, que o artista exprime por meio de mutações violentas de contorno, de planos, de ritmos e ostensivamente de perspectivas. (BOSI, 1999, p. 66).

O que acontece é que a evolução do mundo contemporâneo está caminhando muito rápido, e essa evolução acaba criando uma angústia, uma aflição no ser humano, o que leva o sujeito ao desespero e desejo de acompanhar, de caminhar junto lado a lado com a evolução. Em decorrência desse fato deixamos de lado nossa identidade verdadeira, adotando uma identidade provisória, que não nos pertence, esquecendo-se de quem somos. As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2006, p. 7).

Percebendo a mudança tão evidente o indivíduo está se corrompendo facilmente, mudando também seus hábitos, seus gostos, indo em direção oposta, a sua própria e verdadeira identidade. Cada sujeito tem em seu poder a capacidade e liberdade de escolha, e conseqüentemente muda seu comportamento seu modo de expressar-se e assim fragmenta sua identidade. Esse comportamento leva outros e outros a procederem da mesma forma. Esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada. (HALL, 2006, p. 9-10).

Talvez se houvesse algumas transformações da modernidade a homilia¹⁰ não teria sido tão boa assim, pois ela constrói identidades que são fragmentadas e colocadas de maneira imprecisa, e acaba por se equilibrar em meio ao passado estável ou retomar o caminho em direção à modernidade, levando o indivíduo a pesquisar e inovar sua identidade, pois já cansados da pressão que a crença colocava e cheios de serem reprimidos pela religião os indivíduos começarão a mudar certos pensamentos e críticas e passaram a ariscar novas descobertas.

¹⁰ Homilia: Religião pregação em estilo simples e quase coloquial sobre o Evangelho. Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 485.

Com curiosidade e ousadia o ser humano está sempre em busca de novas descobertas talvez seja essa a causa da mudança acelerada que há no mundo, e que nos leva rumo a uma mudança interior, em busca do novo, do diferente do inovador, interagindo assim com outras culturas, fazendo com que adote ou absorva costumes diversos.

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p. 11).

Pode-se dizer que o sujeito acaba sendo flexível e adaptável, tornando-se culturalmente sociável, planejando sua própria identidade, entrando em contradição e muitas vezes adotando uma identidade provisória apenas por algum tempo, pois essa pode ser transformada continuamente.

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p. 13).

Quando há algum resquício de identidade única atravessando ano após ano com o indivíduo, trata-se de um sujeito acomodado dentro de um “eu” estável, e imerso num mundo lógico, formado. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia [...] A identidade acaba por se corromper com a intensidade das transformações da modernidade, seria quase que uma compulsão para o sujeito mudar sua identidade devido a essas transformações.

A sociedade não é como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionária a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por força de si mesma. (Hall, 2006, p. 17)

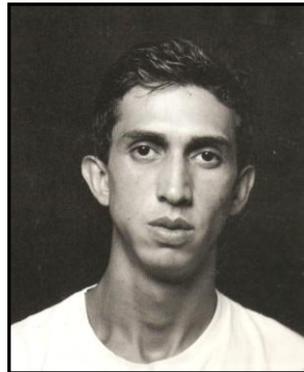
É através da união e do convívio cultural das sociedades que se pode costurar uma estrutura de elementos diferentes com ideias e contextos diversos, porém muitas vezes positivos e é dessa forma que se consegue confeccionar uma

história. A identidade vai sendo Construída ao longo dos anos e através de contatos de um sujeito com o outro, passando adiante seus costumes, suas formas de agir, de manipular as coisas e de embaçar as situações, daí a característica de cada indivíduo. Em dias atuais acredito que não seja possível manter-se neutro sem que haja uma mudança de hábitos e gostos perante uma sociedade tão informatizada, tão cheia de inovações. Alienar-se é preciso para poder acompanhar a evolução do mundo contemporâneo.

5 ARTISTAS QUE INFLUENCIARAM MINHA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

José Leonilson Bezerra Dias (Fortaleza, 1 de março de 1957— São Paulo, 28 de maio de 1993) foi um pintor, desenhista e escultor brasileiro.

Figura 1- Leonilson



Fonte: Leonilson, 1989, p. 79

Segundo Lagnado 1995, a obra de Leonilson é predominantemente autobiográfica e está concentrada nos últimos dez anos de sua vida. Leonilson era um artista contemporâneo, seus trabalhos eram todos de duplo sentido, nunca expressavam diretamente seu verdadeiro significado, mas possuíam um olhar inovador, e quando não expressavam uma simbolização do próprio coração, suas obras transformavam-se em pequenos símbolos, fragmentos, resquícios de o seu próprio ser. Possuía um espírito amoroso, e devo dizer que foi através de Leonilson que tomei coragem de investir na ideia de realizar meu sonho, pois me identifico com seu jeito de produzir.

Em 1989, começou a fazer uso de costuras e bordados, que começaram a ser recorrentes em suas obras. Em 1991, descobriu ser portador da AIDS, e a condição de doente refletiu de maneira influente em sua obra. Em 1989, faz uma exposição apresentando peças feitas com botões, pedras semipreciosas e bordados, que introduzem um novo e principal processo em seu trabalho: a costura. Leonilson admirava Arthur Bispo do Rosário (1911-1989). Entretanto, o universo da costura era familiar, por ser filho de um comerciante de tecidos e ter também o hábito de ver a mãe bordar. O artista falece jovem, em São Paulo no dia 28 de maio

de 1993, deixando uma obra autêntica, com a qual procurou a intensidade da poética individual.

Leonilson fez inúmeras exposições e vários trabalhos ao longo de sua carreira artística. Em 1994, homenagem póstuma e Prêmio APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, pela grande exposição individual na Galeria São Paulo e pela instalação da Capela do Morumbi, ambas em São Paulo em 1993. Na Bienal de São Paulo de 1998, foi homenageado com uma sala especial. A imagem de uma escultura foi o motivo do emblema do evento e o detalhe de um desenho a imagem do cartaz.

Figura 2- Instalação na Capela do Morumbi, São Paulo, Leonilson, 1993.



Fonte: LAGNADO, 1995, p. 65

Figura 3 – De bom coração/Da falsa moral, 1993. Bordado sobre camisa e piquet costurado e cadeira de madeira



Fonte: LAGNADO, 1995, p. 65

O artista substitui o prazer das tintas pela sensualidade de cada tecido (o voile, o feltro e o veludo). Com a perfeição do bordado (o verso do pano tem o mesmo cuidado que a parte da frente). Bordar, única atividade que Leonilson conseguia desempenhar mesmo atado por limitações físicas, toma a formato de um desenho. Segundo o artista em sua confissão numa entrevista com Lagnado: sempre gostou muito de tecidos porque seu pai comercializava tecido. Era comerciante. Ele visitava fábricas com o pai, o hobby de sua irmã era costurar e bordar, de sua avó também. Em casa sua mãe sempre teve um quarto de costura e tinha uma ajudante,

reformavam camisas, bordavam lençóis, monogramas¹¹. Gostava de ler a enciclopédia Barsa, e gostava de mexer nos panos também. Para ele era tudo o mesmo.

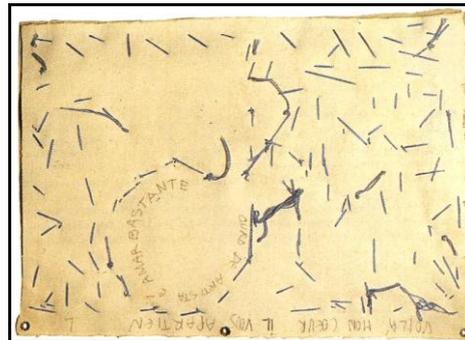
Segundo Lagnado, 1995, o estabelecimento de baliza entre desenhos e pintura, pinturas e bordado, desenho e bordado. Trata-se de agrupar todos os trabalhos “costurados” na denominação comum dos “objetos” de “técnicas mista”. Já o bordado inaugura uma nova temporalidade, a obra, vagarosa, se constitui com uma acuidade precisa. Com o aprendizado do bordado, o conflito entre desenho e cor se esvazia. Aplicada sobre a lona ou o voilé, a linha se converte em alinhavo.

Figura 4 - Voile Mon Couer, frente Bordado em lona, c/ pingentes de cristais, 20 X 30, 1989., p. 82 Leonilson, São tantas as verdades



Fonte: LAGNADO, 1995, p.82

Figura 5 - Voile Mon Couer, verso Bordado em lona, c/ pingentes de cristais, 20 X 30 cm. Leonilson, São tantas as verdades



Fonte: LAGNADO, 1995, p.82

O pequeno *Voilé Mon Coeur* mede 20X30 cm e consiste num pedaço de lona pintada de tinta acrílica dourada, com uma fina tira horizontal de feltro acinzentado em sua borda superior. Bordados na lona com linha azul clara há vinte e seis pingentes de cristal lapidados, sobras de um candelabro quebrado. Sem chassi o trabalho tem três furos na borda de feltro, um no canto esquerdo, um no canto direito e um no centro.

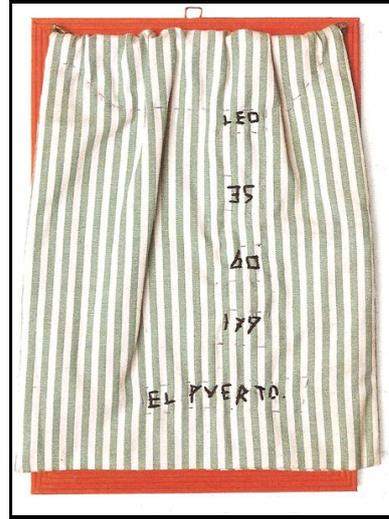
¹¹ Monogramas: Entrelaçamento das letras iniciais ou principais do nome de pessoa ou de entidade. Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 604

Figura 6- Cheia, vazia,
1995, bordado
S / voile e algodão, 54 X 49



Fonte: LAGNADO, 1995, p.128

Figura 7- El Puerto, 1995 Bordado sobre tecido sobre espelho, 23x18 cm



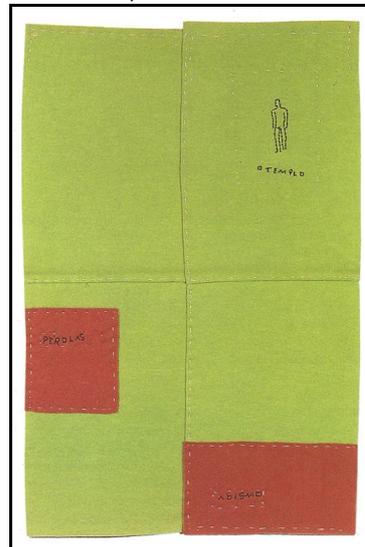
Fonte: LAGNADO, 1995, p.97

Figura -8 O Gigante com flores bordado,
1995, 28x 28x5



Fonte: (LAGNADO, 1995, p. 131)

Figura -9 O Templo, 1995,
bordado, 58 X 38



Fonte: (LAGNADO, 1995, p.104)

Artista Plástica: Iêda Topanotti Teixeira, natural de Criciúma SC.
FORMAÇÃO: Faculdades de Desenho e Plástica e de Educação Artística, na FUCRI, hoje UNESC.

Figura: - 10 Iêda Topanotti, 2012



Fonte: Concedida pelo artista.

Outra artista que me motivou, e tenho por ela grande admiração é a artista Iêda Topanotti, principalmente pelo trabalho realizado com bordado em uma causa inteligente na defesa pelos pássaros, o projeto chama-se “*Rotas Interrompidas*” atualmente está apresentado na modalidade bordado. Trata-se de pássaros que se acidentaram contra vidraças e que foram fotografados e agora estão sendo bordados com as cores aproximadas da sua realidade, e a sua expressão. Bordar seres vítimas das nossas atitudes evolutivas e modernistas é uma forma de defender-los. As vidraças em excesso enchem as cidades de falsas imagens, que enganam as aves. Segundo os pesquisadores do tema “espelhados”, que geralmente são ambientalistas e biólogos os choques dos pássaros contra elas (as vibrações), já é considerada a segunda causa da morte das aves, apenas perdem para a destruição do meio ambiente. Segundo Iêda, “Bordar aqueles pássaros que bordavam nosso céu, com seus voos e melodias, é o que estou fazendo e apresentando. Bordar pássaros que foram nossas vítimas é como oferecer flores para eles”.

Iêda Topanotti é uma artista consagrada em nosso meio artístico, está constantemente com novos projetos em exposições, tem um currículo bem extenso.

A seguir algumas imagens do projeto “*Rotas interrompidas*”.

Figura - 11 Bordados em tecido



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura – 12 Bordado em tecido



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura – 13 Bordados em tecido



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura – 14 Bordado em tecido



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura-15 Pamela Reis, 2012



Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/?action=noticias&sec=1&con=1051>

Pâmela Reis graduou-se em Artes Visuais Licenciatura Plena em 2011 na (UFES) e especializou-se em Artes e Educação em 2012 (CESAP).

A artista Pamela Reis leva a cidade e seus conflitos alinhavados sobre tecidos à Galeria de Arte Nello Nuno com a exposição *Do Urbano ao Íntimo*.

A mostra da artista, formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo | UFES reúne uma série de bordados em tecidos que abriga, em um mesmo universo, o caos das ruas ao conforto do lar, contrastando a delicadeza e o agressivo.

As representações do contexto urbano, das longas esperas das cidades grandes pelas linhas bordadas em almofadas invadem o aconchego caseiro, a intimidade do lar, nos levando a um passeio às sensações e sentimentos opostos, ressaltados pela junção do espaço individual e coletivo.

Pamela também trabalha com bordado, expressando seus sentimentos, de aflição, angustia e ansiedade, e em protestos que são sentimentos de revolta pelas longas filas de esperas que encontramos pelos caminhos de nossas vidas.

Figura-16 Trabalho da exposição 2013, Almofadinhas bordados em tecido



Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/?action=noticias&sec=1&con=1051>

Figura- 17 Trabalho da exposição 2013, Almofadinhas bordados em tecido



Fonte: <http://www.faop.mg.gov.br/?action=noticias&sec=1&con=1051>

Ao pesquisar sobre bordado encontrei artista Pamela Reis que borda a vida cotidiana, os sentimentos que nos afligem no dia-a-dia, as angústias da espera. Ao conhecer as obras desses artistas iniciei meu processo poético.

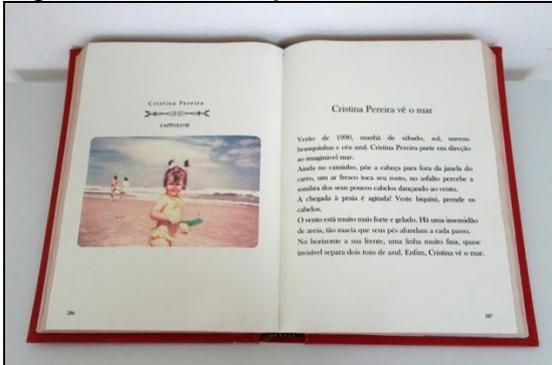
Daniele Cristina Zacarão Pereira

Encontrei também outras artistas que conversam com meu trabalho dentre elas cito Daniele Zacarão, mas no contexto da memória.

Artista: Daniele Zacarão (Criciúma, 1987) é artista e gestora cultural, bacharel em Artes Visuais (2009) e pós-graduada em Educação Estética (2012) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Vem pesquisando questões relacionadas ao corpo, memória, autobiografia e livro de artista.

Daniele Cristina Zacarão Pereira é uma das artistas de criciúma que possui um currículo considerável um de seus trabalhos consiste e em um livro chamado por ela de Livro-objeto nele contém fotos de seu acervo pessoal e conta com uma personagem criada por ela própria daí saem contos que dão falsos indícios dela mesma, neste livro-objeto o público terá acesso a apenas duas de suas páginas, mantendo as demais restritas. Segundo a própria artista Cristina Pereira é uma (re) invenção de sua autoria de memória e imagens.

Figura- 18 Livro-objeto



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura-19 Livro-objeto



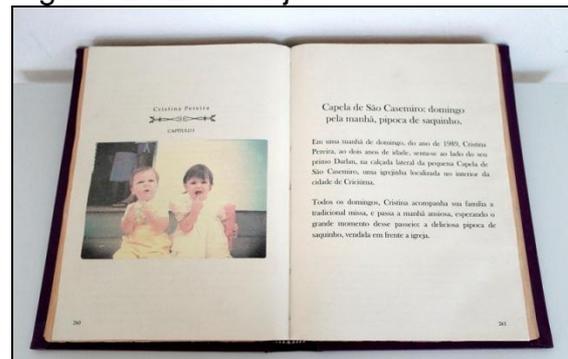
Fonte: Concedida pelo artista.

Figura-20 Livro-objeto



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura- 21 Livro-objeto



Fonte: Concedida pelo artista.

A artista expressa aqui suas memórias de infância, trazendo ao público apenas alguns resquícios de suas lembranças, fazendo uso de seu acervo particular.

Consta aqui um resumo de seu extenso currículo: Daniele evidencia em sua obra, a memória de sua infância, algo que achei importante para incorporar minha investigação.

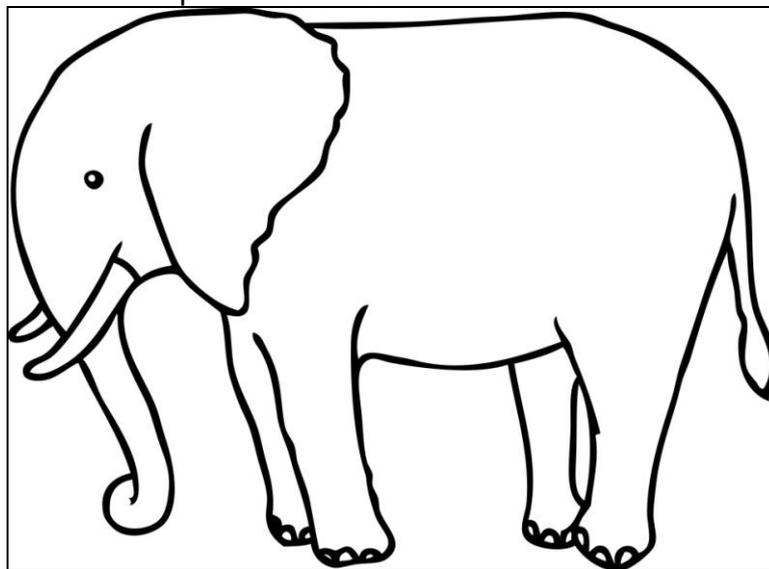
Troco 1 elefante por 1 memória performance 2014

(Ação foi realizada durante a abertura da exposição “nenhuma intenção revolucionária”, na Helen Rampinelli Galeria Ateliê).

Usando uma mochila, a artista percorre o espaço de exposição e propõe uma troca com seus visitantes: o desenho de um elefante por uma memória.

Esse processo de armazenamento é até certo ponto imaterial, pois acontece a partir do ato de preenchimento de uma ficha catalográfica que será aposta a um recipiente "enchido" de memória do doador. Como parte da negociação, a pessoa que participa ganha o desenho/carimbo de um elefante. Os pequenos nos recipientes são armazenados em uma mochila específica, contendo uma estrutura para arquivar, transportar e expor as memórias recolhidas.

Figura 22: O desenho de um elefante
Proposta de troca de memória



Fonte: Concedida pela artista.

Recipiente para armazenar memórias (mochila) objeto 2014

Mochila construída com estrutura para arquivar, transportar e expor os “Recipientes para armazenar memórias”.

Figura-23 Mochila de memórias



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura- 24 Mochila de memórias



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura-25 Mochila de memória



Fonte: Concedida pelo artista.

Recipiente para armazenar memórias objeto 2012

Figura-26 Recipiente de memórias



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura-27 Recipiente de memórias



Fonte: Concedida pelo artista.

São pequenos vidrinhos cuja finalidade é armazenar memórias esse processo de armazenamento é até certo ponto imaterial, pois acontece a partir do ato de preenchimento de uma ficha catalográfica que será aposta a um recipiente "enchido" de memória do doador.

Os pequenos vidrinhos são armazenados em uma mochila específica, contendo uma estrutura para arquivar, transportar e expor as memórias coletadas.

A cortina da vó Edith Instalação 2012

Figura-28 Plotagem, cortina da vó Edith 2012



Fonte: Concedida pelo artista.

Figura-29 Plotagem, cortina da vó Edith 2012



Fonte: Concedida pelo artista.

A cortina da vó Edith é uma instalação por meio de plotagem minha memória de infância de uma velha cortina estampada da casa da vó Edith. A instalação se dá pelo bloqueio de uma das janelas da Galeria de Arte com uma reprodução da cortina, transmitindo ao espaço a experiência de uma paisagem retida na lembrança, agregado-a a uma nova que surge a mim mesma e ao público.

6 PROCESSO POÉTICO PESSOAL

Por meio desse trabalho acadêmico venho mostrar a importância dos objetos de recordações que se fazem presente na vida cotidiana, mas que ao mesmo tempo com o passar dos anos está se perdendo devido à falta de atenção e estima dos valores familiares, Há a necessidade de se manterem vivas as histórias dos nossos ancestrais. Trata-se de uma peça de roupa que herdei de minha sogra que pretendo manter viva a memória e a identidade dessas pessoas, através de um casaquinho de flanela já com aspecto envelhecido que pretendo eternizar.

As roupas tem uma vida própria: elas são presenças materiais e ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais. Na transferência de roupas, as identidades são transferidas de uma mãe para uma filha, de um aristocrata para um ator, de um mestre para um aprendiz. (STALLYBRASS, 2000, p. 38 e 39).

As roupas provocam uma sensação extraordinária, uma força imaginária e fantasiosa sobre as pessoas que a herdaram, principalmente quanto a uma lembrança familiar que acaba sendo transferida junto a ela. Lembro-me de quando recebi o casaquinho de flanela¹² branco, mas com a gola já puída de tanto ser usado, com um crochê azul nas bordas da bainha e das mangas, com um símbolo da CBF bordado de linha azul e amarela, segundo minha sogra seria um pedido de meu sogro, pois nessa época era um juiz (árbitro) de futebol e mesmo sem saber se era menino ou menina independente desse fato queria exibir a criança com todo orgulho de pai com uma roupa que remetesse ao futebol, a paixão brasileira, (que pertenceu a meu marido) assim que soube da gravidez do meu primeiro filho, fato esse que ocorreu há exatamente vinte e três anos. Uma vez que a peça ainda resiste ao tempo e ao uso, pois foram seis filhos que tivemos e todos usaram a peça cerca de um mês, um mês e meio, a peça hoje tem quarenta e oito anos. Foi uma experiência muito especial, pois iniciando minha jornada como mãe de primeira viagem, não fazia ideia de que duraria tanto tempo o convívio com uma roupa de criança. Segundo Stallybrass 2000, foi assim que comecei a pensar sobre roupas: “Eu lia sobre roupas e falava aos amigos sobre roupas. Comecei a acreditar que a mágica

¹² Flanela: Certo tecido de lã. Tecido de algodão próprio para pijamas, etc.; de inverno. Segundo Dicionário Aurélio Júnior, 2011, pg. 435

da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma.” (p. 13).

E através dessa ideia tão especial de herdar para meus filhos uma peça de roupa que atravessou anos a fio e foi guardada tanto tempo com todo carinho, que adquiri afeição e estima, tive também a iniciativa de guardá-la e hoje me aproprio dela para produzir minha obra, talvez a mais importante de minha vida acadêmica. Agora entendo porque Stallybrass chegou ao ponto de produzir um livro sobre roupas, pois me atrevo, a concordar com sua escrita, em quase todo o livro ele se refere às roupas de uma forma bem carinhosa e idolatrante.

Segundo Stallybrass, 2000, “a roupa tem uma mágica quando nos recebe, sim porque é ela que nos recebe, quando adota nosso cheiro, nosso suor, nossa forma, e assim atravessa quase meio século em nossa presença, e entra na moda e sai da moda e ela permanece ali sem nos abandonar”.

Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que recebem esses corpos sobreviveram. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filhos, de irmãs para irmãs, de irmãos para irmãos, de amante para amante, de amigo para amigo. (STALLYBRASS, 2000, p. 14).

Passamos pelo mesmo prazer de receber e passar a peça de roupa, que foi exatamente deste modo; passou de pai para filho, de irmão para irmão, assim passou-se quase meio século e a roupa aqui resistindo ao uso e ao tempo, tornando-se patrimônio histórico da família. Ela tem um valor especial a ponto de se tornar uma obra que recorde a infância ou a velhice do tempo passado, mas foi e é consagrada como uma memória.

É o cheiro pelo qual uma criança se apega a seu cobertor, uma peça de roupa, um ursinho de pelúcia, seja lá o que for. Roupa que pode ser colocada na boca, mastigada, qualquer coisa, menos ser lavada. Roupa que carrega as marcas do dente, do encardimento da presença corporal da criança. Roupa que se deterioriza: um braço de ursinho que se parte, a bainha que se torna puída. Roupa que dura e conforta roupa que como qualquer criança sabe é particular. (STALLYBRASS, 2000, p. 15).

Roupas para serem amadas e idolatradas, a ponto de não se desfazer nunca e guardá-las para lembrar e relembrar, sentimentos de saudades do tempo

em que estava em uso, do carinho que foi usada, cada criança que eu vesti com todo cuidado e amor, pois ali presa a minha família ela me foi muito útil.

À medida em que muda de mãos, ela prende as pessoas em redes de obrigações. O poder particular da roupa para efetivar essas redes está estreitamente associado a dois aspectos quase contraditórios de sua materialidade: sua capacidade para ser permeada e transformada tanto pelo fabricante quanto por quem a veste: e sua capacidade para durar no tempo. A roupa tende, pois a estar poderosamente associada com a matéria ou para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. (STALLYBRASS, 2000, p. 18).

Usada e passada de pai para filho trouxe uma recordação emocionante para minha sogra e para mim, que absorvi esse sentimento especial pela peça de roupa. A cada filho que vestia era motivo para comentários e risos, pois todos achavam interessante uma peça tão pequenina ser tão duradoura, a recordação era também inevitável, uma vez que guardada nas profundezas imersas da memória, retornava com todos os detalhes pelas vezes que foi usada. A roupa tornou-se tão importante a ponto de tornar-se um objeto de pesquisa e assim extrai elementos para fazer minha obra, uma criação agora minha e o que me conduzirá será ele, o casaquinho.

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica, que por sua vez atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade de cada indivíduo. São gostos e cresças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular é único. (SALLES, 2009, p. 41).

O meu impulso para a produção do objeto de arte é exatamente essa peça, que tem um valor especial. Dela pretendo usar apenas fragmentos e trazer para as formas que esbocei em meu projeto [...] segundo Salles, em relação à natureza da tendência em sentido amplo, o percurso criativo conhece uma lenta definição do projeto poético do artista. O tempo da criação seria o tempo da configuração do projeto. Pode-se assim dizer que o processo de criação de uma obra é a forma do artista conhecer, tocar e manipular seu jeito de caráter geral. (Salles 2009, p. 43). Para Hall, como a identidade vem se formando no decorrer do desenvolvimento do sujeito, ele pode imitar em sua fantasia a identidade de alguém venerado.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantástico sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall, 2006, p. 20).

Comento do casaquinho relaciono-o à identidade trazida por Hall, pois é uma satisfação e orgulho para os filhos herdar uma peça de vestuário que pertenceu ao pai e continua na família, expressando identidades e prevalecendo ou permanecendo na memória resistindo ao tempo e as novidades de um mundo tão consumista. Como mãe, esposa, nora, e finalmente acadêmica me faz seguir exatamente por esse caminho relatando de forma poética e em busca uma pesquisa e uma produção artística no formato acadêmico com a história e a poética dos objetos de memória da minha família. Minha intenção é transformar um objeto de memória em arte, trata-se de um casaquinho que me faz refletir nas possibilidades da arte contemporânea. A memória de um passado tão lembrado, principalmente no final do ano de 2013 que nasceu mais um neto e que novamente usou o casaquinho, desse ponto de partida movendo-se num estado fascinante, que se estabelece entre o sonho e a vigília, mexendo com minha percepção.

A percepção é a ação do olhar responsável pela construção das imagens geradoras de descobertas ou de transformações poéticas. Em seu processo de apreensão do mundo o artista estabelece conexões novas e originais, relacionadas a seu grande projeto poético. Encontramos, no entanto, a unicidade de cada obra e na singularidade de cada artista não só na natureza dessas combinações perceptivas, como também no modo como são concretizadas. (SALLES, 2009, p. 108).

Quando falo em percepção estou no momento me referindo à percepção do artista de transfiguração e dos procedimentos que seriam os agentes da metamorfose ou da construção artística; o fazer, a confecção em si juntamente com os bordados, já se torna um fazer artístico pondo em prática a ideia única de uma mãe que produz as roupas do próprio filho, e enfeita fazendo uso do que tem ao seu alcance em pequenos recursos. “Os recursos ou procedimentos criativos são esses meios de concretização da obra.” (Salles 2009, p. 108) Em outras palavras, são os modos de expressão ou formas de ação que envolve manipulação e, conseqüentemente, transformação da matéria. A ideia de transformar a peça em

objeto de arte para talvez eternizar de maneira singela, e singular, essa ação criadora retoma uma memória que resiste ao tempo, e mexe profundamente com a percepção do artista.

Para Cattani (ano apud Brites e Tessler 2002, p. 37):

a arte não é discurso, é ato. A obra se elabora através de gestos, procedimentos, processos, que não passam pelo verbal e não dependem deste. Seu instrumento é plástico: suportes, materiais, cores, linhas, formas, volumes. O que resulta é um objeto, presente em sua físcalidade, independente de qualquer discurso, inclusive, do próprio artista.

Dentro da minha natureza o diálogo de meu trabalho se estabelece entre: fios, tecidos, agulhas, tesoura, etc. e pretendo através desse universo que me rodeia embrenhar-me em um projeto onde posso constituir de forma singular um sonho de vincular costuras e bordados na arte contemporânea, e assim possibilitar novas propostas.

6.1 OBJETO DE ARTE

A partir desse objeto de pesquisa venho elaborando ao longo do curso algumas idéias, que possam trazer para o mesmo a arte de bordar e evidenciar o fazer artístico. Sendo assim eu trago como profissão a costura e como tenho uma grande paixão pelos tecidos, trago através dessa paixão um cuidado especial com as roupas que pretendo corroborar neste projeto.

Figura 30 – Casaquinho em flanela, 1966



Fonte: Acervo da autora

Figura 31 – Último filho que usou (Tayler, com um mês) 2013



Fonte: Acervo da autora

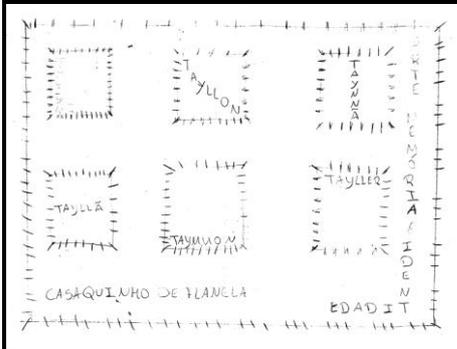
A questão que trago é criar possibilidades para realizar uma produção artística com o bordado, a costura e a memória. Sendo assim procurei conhecer o trabalho de artistas que poderiam embasar esta pesquisa. Pensei em produzir pequenas almofadas com os nomes de meus respectivos filhos bordando em cada uma delas e simbolizando a existência de cada um. Mesmo daquele filho que não está mais aqui (in memória). Segundo Salles, pg. 108 [...] sendo que os recursos ou procedimentos criativos são esses meios de concretização da obra. Em outras palavras, são os modos de expressão ou formas de ação que envolve manipulação e conseqüentemente, transformação da matéria. [...] nesse caso transformei o tecido que encontrei (parecido) em almofadinhas bordadas e preenchidas com fibra.

Ao falar dos recursos criativos, estamos na intimidade da concretude dessa relação entre forma e conteúdo, na medida em que são esses recursos que atam um ao outro, com as características do modo de ação de cada artista esses procedimentos estão sendo vistos, portanto, como elementos mediadores da relação forma e conteúdo. Há uma ligação entre a escolha desses recursos, e a matéria selecionada e, naturalmente, a tendência do processo. (SALLES, 2009, p. 109).

Ao iniciar meu trabalho fui primeiro atrás de meus instrumentos: as agulhas que há algum tempo estavam guardadas e já enferrujadas, (devido ao meu compromisso com a faculdade), tesoura, linha, que infelizmente não encontrei da mesma cor, só uma que se aproximou um pouco mais, então parti para o centro da cidade atrás do tecido (flanela branca), não foi difícil, pois encontrei em uma das casas mais antigas do centro, comprei quatro tipos de cores, para fazer os primeiros testes. Começando pelos esboços, pois é preciso visualizar como fica a idéia antes de começar um projeto e serve também para estimular a criatividade

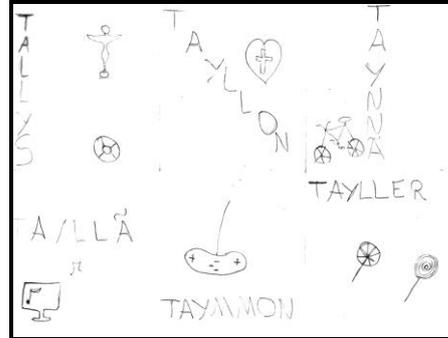
Durante a pesquisa, é importante falar sobre o trabalho, explicar para as pessoas o que estamos fazendo. Para o artista, nem sempre é fácil descrever o trabalho ou sua proposta, no entanto, esse exercício é fundamental. É na interlocução com o outro que muitas ideias ou significados que ficam num nível mais inconsciente se explicitam. (BRITES; TESSLER, 2002, p. 135).

Figura 32 - Esboço 1 - 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 33 - Esboço 2 – 2014



Fonte: Acervo da Autora

Decidi cortar o tecido em formato de almofadinhas e iniciei os bordados como se fosse à primeira vez, (como se fosse o primeiro filho), pois este é um momento de muita concentração, quando o artista chega ao ápice de sua criação.

Cortando e bordando surgiu a idéia de seguir uma ordem cronológica, sendo assim, iniciei o bordado pelo primeiro filho, Precisei fazer e desmanchar diversas vezes porque não ficava perfeito como eu desejava.

Há trabalhos que começo a fazer e que vão ficando mal-feitos, mal-feitos, mal-feitos e aí penso; “Não posso tentar fazer alto costura. Isso não é Balenciaga. Isso é meu trabalho”. Antes eu pensava que a costura tinha que ser perfeita. E até tentei, só que eu apanhei tanto! vi que é diferente quando um estilista faz uma roupa e quando um artista costura. São duas atitudes irmãs, mas bem diferentes. Então eu relaxei e virou um prazer como, pintar [...] quando comecei a fazer esse trabalho, fiquei muito confuso. Mas minha vida mudou muito nesse período, acontecerão fatos novos. (LEONILSON, 1995, p. 85).

Assim como o artista Leonilson, percebi depois de algumas dificuldades que tenho meu estilo próprio e consegui com algumas agulhadas erradas pegar o jeito novamente. Fui bordando as letras do nome do filho primogênito me ajudou a amadurecer como mãe de primeira viagem nele usei o casaquinho, mas tempo que os outros, pois como nasceu de sete meses era mais pequenino o casaquinho ficava enorme nele. Durante o bordado fiquei lembrando das peripécias e aventuras dele dei

“Vede bem: um favor, feito aos que estão sofrendo, Pode sempre trazer em paga outro favor. E o mais forte de nós, do orgulho esquecendo, Deve os fracos tratar com caridade e amor”. (OLÁVO BILAC, 1965)

Figura 34 - Bordado teste,
19 x 16 x 3, 2014 do primeiro filho



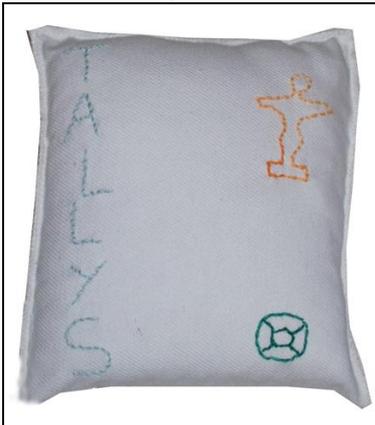
Fonte: Acervo da Autora

Figura 35 -Bordado teste,
19 x 16 x 3, 2014 do primeiro filho



Fonte: Acervo da Autora

Figura 36 - Almofada teste,
19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 37 - Almofada teste,
19 x 16 x 3, 2014

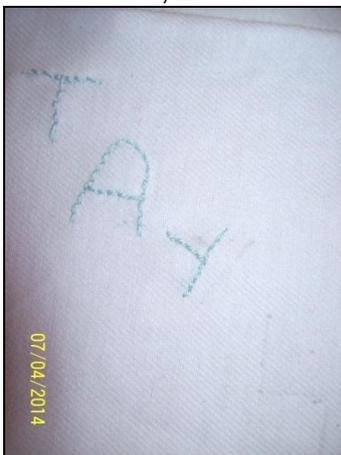


Fonte: Acervo da Autora

Prossigui com os bordados do nome o segundo filho que faleceu aos quarenta e cinco dias, entre os alinhavos do bordado em seu nome me veio às lembranças. A cada letrinha de seu nome que bordava poderia remeter-me aqueles momentos em que contive em meus braços e sem exagerar posso jurar que até senti seu cheiro, seu calor assim resurgiu das profundezas da memória depois de tantos anos uma tristeza adormecida, tristeza essa que jamais gostaria de sentir novamente. Segundo Stallybrass, 2002, p. 86 [...] na linguagem das pessoas que trabalhavam com confecção e conserto de roupas, no século XIX, os puídos nos cotovelos de uma jaqueta ou de uma manga eram chamados de “memórias”. Esses puídos lembravam o corpo que tinha habitado a vestimenta. Eles memorizavam a

interação, a constituição mútua, entre pessoas e coisas [...] as memórias estavam, assim, inscritas, para os pobres, em objetos que eram assombrados pela perda. Pois os objetos estavam num estado constante de estarem prestes a desaparecer, (p. 88 - 89). O casaco de Marx, roupas, memória, dor; o autor relata a tristeza da perda de um amigo e a memória de uma peça de roupa que ele herda como legado. Assim como ele eu me senti na mesma situação enquanto bordando esse trabalho com peça de roupa na mão.

Figura 38 - Bordado segundo filho, 18 x 16 x 3, 2014.



Fonte: Acervo da Autora

Figura 39 - Bordado segundo filho, 18 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 40- Almofada segundo filho, 18 X 16 X 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

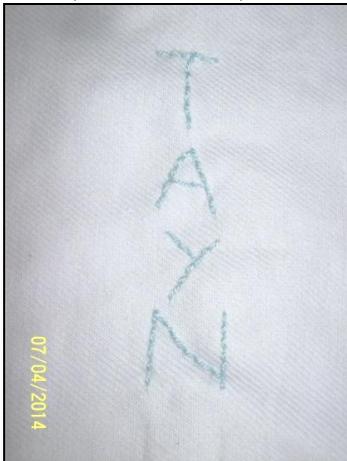
Figura 41- Almofada segundo filho, 18 x 16 x 3, 2014.



Fonte: Acervo da Autora

Continuando no bordado do nome do terceiro filho, na verdade filha, fato que não esperava. Que surpresa era uma menina, lágrimas de felicidades tomaram conta de mim, mas não pude conter minha emoção, bordando seu nome e pensando nas suas qualidades percebi o quanto ela é calma tranquila e serena, hoje já uma moça nos apoiamos uma na outra, cada letrinha do nome dela que bordo é uma qualidade dela que lembro.

Figura 42 - Bordado do terceiro filho, 19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 43- Bordado do terceiro filho, 19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 44 - Almofada do terceiro filho, 19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 45 - Almofada do terceiro filho, 19 x 16 x 3, 2014

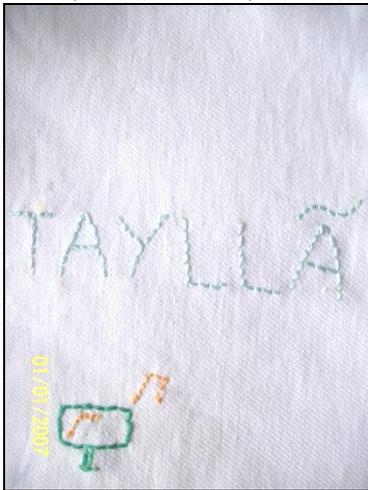


Fonte: Acervo da Autora

“É a idade da força e da beleza: Olha o futuro, e inda não tem passado: E, encarando a Natureza. Não tem receio do trabalho ousado.” (OLÁVO BILAC, 1965).

Quarto filho, mais uma menina e entre laçadas e alinhavos pensando nessa figurinha, lembrei-me de como ela é muito intensa, com uma doçura em seu olhar, bordando seu nome lembrei-me de seu jeito forte de defender seus pensamentos sua crença, seus ideais. “Correndo os ares, na amplidão perdida, Essa música doce, é a voz, talvez, Da alma de tudo, celebrando a Vida”! (OLÁVO BILAC, 1965).

Figura 46 - Bordado do quarto filho, 19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 47 - Almofada do quarto filho, 19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 48 - Almofada do quarto filho, 19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Quinto filho, usou cerca de um mês o casaquinho, bordando seu nome assim como os outros não pude deixar de lembrar-me do orgulho de ter esse filho também cheio de qualidades nas quais se destacam: o companheiro, dedicado nos

estudos, educado, me veio à memória as façanhas que já me fizeram rir e uma destas façanhas é o ciúme do mais novo integrante da família está pensando que já perdeu o colinho.

Figura 49 - almofada do quinto filho,
19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 50 - Almofada do quinto filho,
19 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 51 - almofada do quinto filho,
19 x 16 x 3,



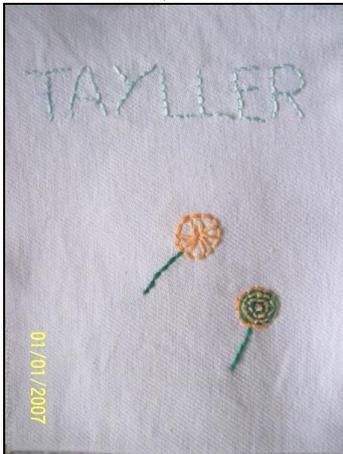
Fonte: Acervo da Autora

“A Mocidade é como a Primavera! A alma, cheia de flores, resplandece, Crê no Bem, ama a vida, sonha e espera, E a desventura facilmente esquece.” (OLÁVO BILAC, 1965).

Enfim o sexto filho, mais uma prole e eu fiquei meio em pânico, pois sabendo da responsabilidade de criar uma criança, com toda dedicação como eu

gosto de ter com os meus filhos, quase chorei de medo de não conseguir ir até o fim na faculdade, porém agora estou aqui com o trabalho quase pronto e bordando seu nome para minha obra final meus olhos se encheram de água, pela emoção, alegria, pois estou prestes a encerrar brevemente minha vida acadêmica, depois de algumas noites sem dormir e de alguns tropeços e também com a colaboração bordo neste momento o nome do meu pequeno príncipe que já faz peripécias, ele é lindo bonzinho e não me incomoda e é o ultimo filho a usar o casaquinho.

Figura 52 - Bordado do sexto filho,
17 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 53 - Almofada do sexto filho,
17 x 16 x 3, 2014



Fonte: Acervo da Autora

Figura 54 - Almofada do sexto filho,
2014, 17 x 16 x 3,



Fonte: Acervo da Autora

“O berço em que adormecido, repousa um recém-nascido. Sob o cortinado e o véu, parece que representa para a mamãe que acalenta um pedacinho do céu. (Olávo

Bilác, 1965)”

Partindo para o objeto de pesquisa que tanto me serviu e um dos meus objetivos desse trabalho é justamente dar-lhe outro destino colocá-lo em algum lugar onde fosse somente contemplado. E tirar dele apenas fragmentos fiz, também alguns esboços para achar algo que combinasse com ele, e é com pesquisas e o apoio de alguns professores que pude iniciar meus trabalhos, através de tecidos e materiais de uso próprio.

Ao acompanhar um processo específico, comparando, rascunhos, esboços ou qualquer outra forma de concretização das testagens que o artista vai fazendo ao longo do percurso, os reflexos da tomada de decisão e as dúvidas nos permitem compreender alguns desses princípios direcionados que, como vimos nos exemplos apresentados carregam consigo seu meio de expressão. A partir do que o artista quer e do que ele rejeita, conhecemos um pouco mais de seu projeto. (Salles, 2009, p. 45).

Achei a possibilidade de inserir o bordado pois nessas pesquisas encontrei muitos artistas desde os mais antigos até os mais recentes tem tido alguma experiência e alguns experimentos com essa linguagem com a finalidade de expressar-se, e é a arte contemporânea que nos dá essa possibilidade de expressar nossos sentimentos mais profundos ou transformadoras, e nos permite passar pelas experiências mais loucas, mostrar para as pessoas que existe um mundo maravilhoso e criativo, quando comecei minha obra percebi o quão importante ela seria para a memória da minha família, relembramos momentos dóceis que só existem agora nas almofadinhas e na vitrine, recordações que só foi possível eternizar através da arte contemporânea com a obra artística.

A ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção. As tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são leis em estados de construção e transfiguração. Trata-se de um conjunto de princípios que colocam uma obra em criação específica e a obra de um artista como um todo em constante avaliação e julgamento. (SALLES, 2009, p. 44).

Na medida em que meu trabalho foi se desenvolvendo pude observar que as ideias iam crescendo mais e mais e a cada nome que eu bordava de cada filho lembranças diversas me surgiam cada um com sua especificidade mas todos com muito amor aliás a mesma intensidade de amor um do outro. Eis aqui minha obra

pronta com muito orgulho com uma simplicidade, singeleza, naturalidade e a minha unicidade.

6.2 BORDADOS DE MEMÓRIAS

Figura 55 – “ Bordado de Memórias”, 2014 almofadinhas, criação elaborada a partir do casaquinho de flanela.



Fonte: Acervo da Autora

“Não sejas nunca medroso! Fraco embora tenha coragem! Para fazer a viagem Da vida, sem hesitar, É preciso, de alma forte, Sem ostentar valentia, Dominar a covardia, para o perigo enfrentar. ”(Olávo Bilac, 1965).

Figura 56 – Obra “Bordado de Memórias”



Fonte: Acervo da Autora

7 METODOLOGIA

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado — Arte, Memória e Identidade: o Bordado na Contemporaneidade. Está inscrito na Linha de Pesquisa de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, onde se encontram os projetos que abordam os fundamentos históricos, as tecnologias, os elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais. Enfocando e expondo as ligações entre arte e a apropriação de objetos do cotidiano e pessoal, como as roupas, para compreendermos como a arte trata a questão da identidade através da roupa como dispositivo de memória; bem como abranger a relação entre arte e roupa e entre memória e roupa realizando uma pesquisa de referenciais artísticos que se utilizam da questão da identidade do sujeito pós-moderno e compreendendo como a memória e a identidade cultural do indivíduo se estabelece através da história de suas roupas. Através da memória de família, me apropriei de um objeto de pesquisa que é o casaquinho de flanela de meu marido, usando roupas herdadas e consagradas como legado de família.

A pesquisa é de natureza básica sendo que abordam objetos da realidade, tentando estabelecer uma união entre pensamento e ato, algo que tenha sido da vida do pesquisador, segundo Minayo (2000, p. 17) é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo.

A pesquisa é também exploratória e é uma espécie de prévia da pesquisa que tem por finalidade ampliar as informações do pesquisador sobre o assunto de sua pesquisa, tendo em vista seu aprimoramento rumo a elaboração de um projeto de pesquisa. (SANTAELLA, 2001, p. 147).

A pesquisa bibliográfica se dá através de títulos voltados para certo tipo de pesquisa a fim de responder as perguntas deste trabalho de conclusão de curso. A revisão da pesquisa bibliográfica deve ter em vista a contraposição dos trabalhos já publicados em relação ao problema que a pesquisa propõe. Vê-se aí por que a revisão bibliográfica é importante. (SANTAELLA, 2001, p. 155).

A pesquisa qualitativa, para Minayo abrange fatos do sujeito que tenha uma noção da realidade, de sentimento no geral mais profundo [...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas,

de um lado não perceptíveis e não captável em equações, medidas e estatísticas, [...]. (2000, p.22)

Sendo a metodologia uma forma de transformar a prática em realidade teórica, através de técnicas e instrumentos, a metodologia exerce um papel importante na teoria, a metodologia é o vínculo com o teor, pensamento e vivência, incluem concepção teórica do enfoque de prática que permitam a construção da realidade, ao ato criador do investigador. Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental, claro, coerente, capaz de encaminhar os impasses teóricos, para o desafio da prática. (Minayo, 2000, p. 16).

8 CONCLUSÃO

Tendo o objetivo de como poderia trabalhar o bordado através da arte, evidenciando a memória e a identidade, comecei minha pesquisa e não imaginava que poderia atrelar a minha paixão pela costura com a arte, fazendo uma obra que fale sobre a história de minha família em um casaquinho de flanela e incluir o bordado em poéticas artísticas. Por esse caminho fui alinhavando de forma penetrante essa minha pesquisa, foi um caminho que me trouxe muitas lembranças e grandes vivências, que me fizeram entender como produzir minha obra, de forma que poderia comunicar-me com o público. Iniciei os esboços, dialogando com alguns artistas envolvidos nesta pesquisa, consegui trazer o bordado em meu trabalho de conclusão de curso encontrei diversos artistas, cada um com sua originalidade, defendendo sua ideia e nos fazendo enxergar as coisas de outra maneira. Produzi minha obra com a inspiração de uma peça de roupa inserida na contemporaneidade. Através da memória e da identidade busquei construir uma obra para vincular a memória da família, e identificando a personalidade de cada membro que usou e passou adiante.

Durante as leituras encontrei grandes artistas como Leonilson, Pamela Reis e duas artistas de Criciúma, Ieda Topanotti e Daniele Zacarão, que em suas criações poéticas nos trazem o bordado e a memória. Desde o início do curso vim alimentando a ideia de utilizar o bordado em uma produção artística. Durante as investigações percebi que seria possível trazer o bordado para as artes, pois encontrei vários artistas com produções semelhantes e outros apenas para embasar minha pesquisa, daí o fio condutor para a construção da produção artística, respondendo as questões que me afligiam, como: é possível utilizar costura e o bordado em produções de arte contemporânea? É possível discutir os objetos de memória na contemporaneidade?

Diante dessas pesquisas, construí uma produção artística, obtendo resultado satisfatório, percebendo que é possível utilizar-se do bordado e da costura na arte contemporânea, e também discuti os objetos de memória em arte contemporânea de maneira explícita, através de autores já bem-conceituados. Com esses resultados inseri o bordado e a costura juntamente com a memória e a identidade na arte contemporânea.

Encerro aqui brevemente minha pesquisa, certa de que as possibilidades no meio artístico são diversas abrindo portas para novas criações contemporâneas, pensando o contemporâneo como um espaço de experimentação, de materiais, de temas, de linguagens sempre com um pensamento não excludente.

REFERÊNCIAS

- Azevedo Junior, José Garcia de **Apostila de Arte** – Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007
Disponível em: www.imagetica.net.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1986
- BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O Meio Como Ponto Zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002
- CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- COCCHIARALE, Fernando. . **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Massangana, 2007
- COLI, Jorge; LARS, Erik Gustav Unonius. **O que é arte**. 11 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005
- CAUQUELIN, Anne. **Teoria da arte** / Anne Cauquelin; tradução Regane Janowitzzer.- São Paulo: editora, Martins, 2005. 1ª ed
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa/ Coordenação de Mariana Baird Ferreira e Margarida dos Anjos; ilustrações Axel Sande – Curitiba: Positivo, 2001, 2ª ed
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Olavo Bilac** poesia. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1965.
- LAGNADO, Lisete (Org.). Ilustrações/Pilates.In.:____. Leonilson: são tantas as verdades= so many are the trulls. São Paulo, SESI, 1995, p. 137
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Fundação (Ed.). **Fundação de arte de ouro preto**. [20 --]. Disponível em: <<http://www.faop.mg.gov.br/?action=noticias&sec=1&con=1051>>. Acesso em: 20 maio 2014

PEDROSA, Adriano. *Voilà mon Coeur*. In.:____. LAGNADO, Lissete (Org.). **Leonilson: são tantas as verdades= so many are the trulls**. São Paulo, SESI, 1995, p. 18-24

Minayo, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15. Ed, Petrópolis: vozes, 2000

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

SANTAELLA. Lúcia, **comunicação e Pesquisa**, Projetos para Mestrado e Doutorado/ São Paulo, Ed Hacker Editores, 2001.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx roupas, memória, dor**. 2. ed Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Disponível em: <http://www.pensador.uol.com.br/autor/charles.baudelaire/pdf>. Acesso em: 05 maio de 2014